

Carla Gonçalves Rodrigues

cgrm@ufpel.tche.br

Samuel Molina Schnorr

samuelschnorr@hotmail.com

Cartografias do ser do sensível: Um modo investigativo da pesquisa educacional sobre a formação de professores

Cartographies of the sensitive being: An investigative method of educational research on teacher education

RESUMO - O presente artigo tem como objetivo problematizar a educação, mais especificamente a formação de professores, imersa e tramada no cenário desta atualidade. Para tal, oferece dados do desenvolvimento e da análise da ação formativa denominada Oficina Tramas e usos do passeio urbano: por uma estética professoral, elemento fundamental da pesquisa de mesmo nome do tipo qualitativa de abordagem cartográfica. O programa teórico da Oficina articulou termos heterogêneos e independentes, advindos de variadas linguagens, tanto da arte contemporânea como da filosofia da diferença. Também foram realizadas saídas de campo em barco, ônibus e caminhadas, favorecendo, por meio de imagens obtidas com telefones celulares ou câmeras digitais, a captura de signos emitidos no cotidiano. Tramando o programa teórico com as saídas de campo, potencializou-se a criação de vídeos cartográficos, mapeando as intensidades que constituem os devires professorais. Assim, foi realizada esta experimentação educacional, operando um método investigativo que permite olhar para o processo de fazimento e desfazimento de um território existencial, em que a leitura e a escrita constituem-se como ferramentas infinitamente potentes para a construção de uma singular estética professoral. Ler e escrever: tramar e usar diversas linguagens na formação docente, agenciando multiplicidades que oferecem consistência aos saberes construídos na própria existência de ser professor, que configuram uma cartografia do ser do sensível, levando a educação a respirar uma nova corrente de ar.

Palavras-chave: cartografia, formação de professores, filosofia da diferença.

ABSTRACT - This article aims to discuss education, specifically teacher education, plotted and immersed in today's scenario. To this end, it offers data of the development and analysis of the formative action named Workshop called Weave uses of urban ways: a professorial aesthetic, a key element of the same name qualitative research that has a cartographic approach. The theoretical program of the workshop articulated heterogeneous and independent terms, which came from varied languages, from both contemporary art and philosophy of difference. Field trips by boat, bus and walking were also conducted, that favored, through images taken with mobile phones or digital cameras, the capturing of signs emitted every day. Plotting the theoretical program with field trips, the creation of cartographic videos mapping intensities that constitute the professional to be was potentialized. Thus, this educational experiment was performed operating an investigative method which enables to look at the construction and deconstruction process of an existential territory in which reading and writing are endlessly powerful tools for the construction of a unique professorial aesthetic. Reading and writing: plotting and using different languages in teacher education, providing multiplicities that offer consistency to the knowledge built in the very existence of being a teacher, which configure a mapping of the sensitive being, bringing education to breathe a new air flow.

Key words: cartography, teacher education, philosophy of difference.

Introdução

Este texto propõe pensar a educação imersa e tramada no cenário desta atualidade. Aqui a educação é tratada como um conjunto de processos pelos quais indivíduos se transformam ou são transformados por dispositivos culturais, elementos interdisciplinares, tanto da arte contemporânea como da filosofia da diferença. Nessa paisagem, situam-se dúvidas no que tange às formas de

realização da pesquisa acadêmica em consonância com a proposição acima apresentada.

É fato que estudos sobre a contemporaneidade que adotam como paradigma o pensamento pós-estruturalista (Foucault, 1999; Lyotard, 2002; Deleuze, 2006) demonstraram anteriormente a impossibilidade ou os limites da representação da realidade significada através da palavra e dos numerais. Sendo assim, torna-se urgente a elaboração de uma formulação mais adequada

para os caminhos metodológicos da atual investigação educacional, voltada à formação de professores. Talvez essa educação deva estar atenta ao dinamismo no qual a realidade coexistente é produzida, aos hibridismos e multiplicidades de imagens e discursos que se rearranjam de maneira insubordinada ao campo do saber das ciências educativas, colocando-se como efeito a urgente inseparabilidade entre conhecimento e vida, um dos mais caros sonhos do pesquisador cartógrafo.

Sabe-se que, de um lado, a pesquisa educacional do tipo quantitativa procura seguir um plano previamente estabelecido, baseado em hipóteses claramente indicadas e variáveis que são objeto de definição operacional, manipulando os dados por meio de recursos estatísticos, com o propósito demonstrar validade e fidedignidade nos resultados encontrados, expressos em números. De outro lado, a investigação qualitativa costuma ser direcionada ao longo do seu desenvolvimento. Não apresenta como prioridade enumerar ou medir eventos e não emprega instrumentos estatísticos para análise de dados. É comum o investigador entender os fenômenos relativos ao objeto de estudo segundo a perspectiva dos participantes da situação examinada e, então, relatar sua interpretação acerca de tais fenômenos. Nas pesquisas classificadas como mistas, as metodologias quantitativas e qualitativas não são excludentes, tampouco guardam relação de oposição. Embora se diferenciem quanto à forma e à ênfase, os dois métodos trazem como contribuição ao trabalho investigativo a mistura de procedimentos de cunho racional e intuitivo, contribuindo para a melhor compreensão do objeto focalizado.

Detendo-se um pouco mais na averiguação em educação do tipo qualitativa, destaca-se a pesquisa de cunho etnográfico que, segundo Mattos (2001), é a escrita do visível de um determinado campo empírico. Ela depende das qualidades de observação, de empatia, do conhecimento sobre o contexto, da inteligência e da imaginação científica do etnógrafo. Compreende a interpretação e significação, pela observação direta e por um período de tempo, das formas costumeiras de viver de um grupo particular de pessoas.

Também aninhado na tendência qualitativa, vê-se o método cartográfico mais fortemente emaranhado com as concepções de educação e formação de professores, por ora seguidas. Oriunda do conceito filosófico cunhado por Deleuze e Guattari (1995), que visa acompanhar um procedimento, e não representar um objeto, de maneira geral, a cartografia sugere um olhar atento, tramado com o registro escrito do processo da sua própria produção. Desse modo, possibilita expandir o foco ao incluir como interesse investigativo a

constituição do território subjetivo dos indivíduos envolvidos. Não menos do que isso, a cartografia permite o acesso daquilo que força o pensamento, favorecendo o registro de acontecimentos que não se apresentam em primeiro plano ao pesquisador. Tal metodologia vem sendo utilizada no Brasil em textos publicados e orientados por Rolnik (1989), Fonseca e Kirst (2003), assim como Passos *et al.* (2009).

Por isso, adotou-se a cartografia como método para conduzir a pesquisa *Tramas e usos do passeio urbano: por uma estética professoral*, visto que se considera um trabalho cartográfico menos informativo, e mais, um contar sobre aquilo que se passa no sujeito da experiência. Isto é, o ato de investigar ocupa-se do que é dito de dentro da experiência vivida, construindo um mapa dos saberes daí advindos. Com isso, articula-se o método com as intenções da indagação, bem como com questões desta atualidade. Mais ainda, oferece elementos para variar as formas quantitativas, qualitativas e mistas.

Como foi desenvolvida a pesquisa?

Foi dito que, dentre as múltiplas opções metodológicas existentes e utilizadas nas investigações educacionais, optou-se por trabalhar com a cartografia. Quando se pretende investigar teoricamente o campo subjetivo, os territórios de constituição de uma dada professoralidade, há que se considerarem, além dos planos visíveis, seus planos invisíveis de formação, dando a ver os processos de ensaio e invenção de uma individualização.

Outro aspecto relevante, que leva à opção por este procedimento, é que ele se constitui na interlocução entre as distintas áreas do saber, intenção em destaque tida como propósito a partir da pesquisa que fomenta este texto, especificamente, nas conjugações das ciências educativas com a arte e a filosofia, considerando-se esta uma forma rizomática de produzir conhecimentos. O rizoma é um dos princípios cartográficos, figura possível do pensamento, que se forma no entrecruzamento de vetores¹ que não obedecem a relações subordinadas ou hierárquicas (Deleuze e Guattari, 1995). Dependendo do tipo de agenciamento realizado, alterações em toda uma corporeidade são produzidas. Tais alterações auxiliam no arranjo potente de variadas coisas e ideias. Novas imagens do pensamento são elaboradas, e outras imagens são articuladas por meio da conjugação realizada. E, assim, colaboram na construção de sentidos, de diferentes formas de expressão e de conteúdo com aquilo que foi capturado pelos signos por elas emitidos.

¹ Com sustentação na Física, podemos pensar o vetor como uma força, com direção e sentido orientados, sendo produtor de afecções (ação de afetar) naqueles a quem está dirigido.

Por que tramar conceitos filosóficos com práticas estéticas na formação docente? Acredita-se que dispositivos filosóficos e artísticos permitem colocar em movimento alguma renovação das formas educacionais. Através da relação inicial de vizinhança entre termos heterogêneos e independentes, tanto das filosofias da diferença como da arte contemporânea, é possível produzir singularidades incluídas de novas subjetividades relativas a uma professoralidade. Para tal, foi oferecida a oficina *Tramas e usos do passeio urbano: por uma estética professoral* como elemento fundamental da pesquisa-intervenção de mesmo nome, realizada pelo Núcleo UFPel, do Projeto de Pesquisa Observatório de Educação 2010, tendo como sede a UFRGS, intitulado *Escrituras: um modo de “ler-escrever” em meio à vida* (Corazza, 2010).

Treze pessoas vindas das mais diversas áreas do conhecimento (Pedagogia, Filosofia, História, Biologia, Matemática, Ciências Sociais, Arquitetura, Engenharia Agrária, Artes, Geografia e Serviço Social) estiveram presentes na ação pedagógica. Tinham como maior objetivo a qualificação docente. Na oficina em questão, procurou-se articular o passeio urbano com mídias de uso doméstico da comunicação contemporânea, fortalecendo o propósito da construção de uma singular estética professoral.

No primeiro momento da oficina, foi disponibilizada para cada participante uma caderneta de anotações. O uso da referida caderneta demonstrou ser um aliado ao registro da experiência vivida em trama com a construção dos conhecimentos realizados durante o trabalho. A constante escrita de seus pensamentos, sensações, inquietações, dúvidas, certezas abaladas, percepções não era um hábito comum aos pesquisadores, porém os incentivos que moveram este registro foram essenciais para inaugurar a experimentação e o uso do método em questão. Aí foram cartografadas leituras realizadas da cidade de Pelotas e procedimentos utilizados na elaboração de um vídeo. Munidos de câmeras digitais e máquinas fotográficas, durante as saídas de campo, feitas através de caminhada, passeios de ônibus e de barco, os oficinairos coletaram

imagens, capturando signos presentes no cotidiano. Para a montagem do vídeo, utilizaram *a posteriori* o programa *movie maker*².

Durante uma semana, distribuído em dois turnos de trabalho (manhã e tarde), o curso totalizou 40 horas. O programa teórico deteve-se nas seguintes ações: estudos de textos da filosofia da diferença, de obras literárias e poéticas, de entrevistas com artistas e cientistas, leituras comentadas, leituras dirigidas, debates, projeções em DVD de documentários, vídeos e imagens de práticas artísticas contemporâneas, exercícios ensaísticos de escrita (entre filosofia e literatura) articulados a outros modos de expressão próprios do campo da elaboração de vídeos.

A leitura do Abecedário de Gilles Deleuze³ foi potente para a oferta de conceitos filosóficos norteadores da construção de referências reais vitais, com a qual se pode vir a construir territórios de existência na prática docente. O A de animal foi a primeira letra selecionada para o trabalho com a ideia de desenvolvimento de uma postura professoral de estar à espreita, promotora de encontros e acontecimentos, tal qual o carrapato, citado por Deleuze e Parnet (1997). L de literatura⁴ e S de estilo favoreceram inéditos movimentos de agenciamentos no que tange à escrita, possíveis de serem observados no vídeo cartográfico.

Dessa entrevista concedida a Claire Parnet, veiculada na televisão após a morte de Deleuze, ainda foram utilizadas as letras I de ideia⁵ e Q de questão/problema⁶ como fomentadoras do processo de criação dos cartógrafos, adotando-se como máxima a afirmação de que “criar é resistir”, como ensina o filósofo (Deleuze e Parnet, 1997), liberando a vida das prisões às quais nos submetemos. Dos materiais capturados na internet⁷, destaca-se a conferência realizada por Deleuze denominada *O ato de criação*, também evidenciando a relação entre criação e resistência.

Os trabalhos de Lygia Clark⁸ e Orlan⁹, com suas artes no corpo; Francis Alÿs¹⁰, na proposição do passeio urbano na cidade do México; Samuel Beckett, na utilização de uma escrita que foge à estrutura do uso da língua

² Software básico de edição de vídeos, incluindo imagem e som, com suporte de alta definição.

³ Disponível em vídeo (http://claudioulpiano.org.br.s87743.gridserver.com/?page_id=734), assim como em texto (http://www.4shared.com/file/143759869/ff441eec/Deleuze_abecedario_integral.html) na internet.

⁴ Nessa letra é possível encontrar as ideias deleuzianas de *conceito*, *percepto*, *literatura menor*, bem como *crítica* e *clínica* que juntamente com *estilo* formaram um conjunto com muita força para rachar os modos de escrita até então efetuados pelos oficinairos.

⁵ I de ideia favoreceu a compreensão de que uma ideia não nasce pronta; ela vai e volta, se afasta, pode escapar, toma diversas formas. Ela não chega inteira, pode faltar uma parte, vem de partes diferentes, diferentemente do que Platão defendia como aquilo que é, que se opõe ao falso sendo plenamente visível pela razão.

⁶ A concepção de problema para Deleuze diferencia-se do exercício de interrogar. A segunda ampara-se em significados universais ou em opiniões e a primeira está em relação com a concretude e circunstâncias de uma experiência. Essa virada conceitual colaborou para a constituição de aberturas para o tido como familiar ou inabitual, especialmente durante as saídas de campo para capturar imagens e produzir escritas.

⁷ <https://www.youtube.com/watch?v=GYGbL5tyi-E&list=PL28F6619A4466292C>.

⁸ www.lygiaclark.org.br

⁹ www.orlan.eu

¹⁰ www.francisalys.com

culta em *Como é* (Beckett, 2003) e Agnès Varda, com as invenções filmicas tidas como cartográficas em *As praias* (Varda, 2008), foram os intercessores advindos da arte contemporânea sendo colocados em relação com os conceitos filosóficos estudados. O uso entrelaçado de saberes da arte e da filosofia durante as aulas teóricas para fomentar a educação, mais especificamente a formação de professores, possibilitou, conforme afirmam Deleuze e Guattari (1997), o enfrentamento do pensamento caótico no ato de criação do vídeo, em um mergulho na busca de elementos para que seja possível construir planos de realidade circunstancializados.

Inicialmente, pode parecer difícil tramar os elementos de um conjunto não homogêneo. Aparenta obscuro o fazer funcionar juntos, quando eles deixam de exercer um desenvolvimento organizado e harmônico capaz de abalar a forma anteriormente tida como essencial. Para tal, é necessário deslocar um centro de gravidade sobre uma linha abstrata: eis aqui a ideia de agenciamento maquínico, cunhada por Deleuze e Parnet (1998) em *Diálogos*.

Segundo Deleuze e Parnet (1998), existem máquinas que *abrem sucessivos e novos agenciamentos*, liberando partículas, produzindo singularidades, gerando encontros inesperados e inexplicáveis. E há aquelas que *fecham* agenciamentos, realizando totalizações, homogeneizações, estratos classificatórios. Tudo vai depender da potência desejante do campo subjetivo professoral em que se elaboram as conjugações de matérias e da capacidade de abertura para o sensível do indivíduo experimentador.

As aulas teóricas foram importantes para que cada sujeito participante da oficina fosse construindo compreensão sobre o método cartográfico, ao mesmo tempo em que o utilizava. Entretanto, durante os passeios, um olhar diferenciado, uma experimentação, outros modos de ler provocaram a abertura para o inesperado, permitindo que conexões fossem formadas, territórios desconstituídos ou reforçados, fazendo com que o exercício do pensamento pudesse transparecer nos vídeos e no registro escrito. Dos dispositivos aí reunidos, acredita-se que há alguma força para tensionarem o desejo, o que passa nos modos de sentir, agir e pensar. É isso que se procura demonstrar a seguir. Muita coisa indica que a rachadura, por eles realizada, na organização essencial que constitui suas matérias, opera nas formas constitutivas de um sujeito em que sua experiência produz efeitos no corpo, em que algo transita necessariamente na superfície de sua substância física.

No último dia da oficina, durante a mostra dos vídeos, notou-se que cadaicineiro conseguiu desenvolver vídeos com um caráter metodológico cartográfico, apresentando, mais fortemente em alguns casos, em outros, nem tanto, uma perspectiva diferenciada daquilo que até então era perceptível aos seus olhos. Os registros escritos

e as imagens estiveram prioritariamente relacionados aos interesses da área originária de estudo do cartógrafo, justificando o fato de que somente aquilo que nos interessa, nos provoca e aguça nossa curiosidade irá gerar uma necessidade que será suprida por meio do conhecimento (Larrosa, 2002).

Sair da educação pela educação

Se, em um primeiro momento do texto, foi dito que se quer enfrentar questões suscitadas pela experiência vivida de formar professores nesta contemporaneidade, com a oficina *Tramas e usos do passeio urbano: por uma estética professoral*, delinea-se, então, alguma saída a partir de recursos conceituais advindos de paradigmas vigentes na Educação, sem ater-se dogmaticamente a nenhum deles, contudo, tramando recursos de outras áreas de conhecimento, tais como a filosofia da diferença e a arte contemporânea. Respirar, alimentar, gozar com o pensamento produzido em outros campos. Diria Deleuze a esse respeito: sair da educação pela educação. O que isso quer dizer no contexto considerado? Recorrer a extraciências educativas para formar professores realizando fissuras no modo efetuado até então.

Corpos e incorpóreos são reunidos. Signos emitidos no cotidiano capturam o pensamento de tal modo que é necessário realizar um corte nesse caos, construindo um plano capaz de produzir sentidos desde pensar o arranjo realizado com conceitos filosóficos. Por vezes, aquilo que é reunido gruda com mais força, ramifica-se em qualquer ponto, assim como pode engrossar e transformar-se em um bulbo tal qual um rizoma. Outras vezes, tal aproximação é fraca e não confere força ao pensamento. Não se pode esquecer: há uma necessidade que move todo esse movimento de existência. É da ordem do desejo que circula em um corpo vibrátil (Rolnik, 1989), desprovido de organização no instante em que se dá a invenção.

Mas isso ainda não é tudo quando se tem como maior objetivo formar professores como um ato de criação de uma vida potente em um tempo caracterizado por uma gama de conhecimentos que impulsionam freneticamente aplicações tecnológicas que aceleram o “progresso”. Tais conhecimentos trazem complexidades para a vida social, explicadas por *experts*, ditos como conhecedores dessa estrutura (Barembliitt, 2002). Nesse caso, salienta-se o trabalho dos técnicos educacionais, aqueles que se colocam a serviço das entidades e das forças que são dominantes em nossa sociedade. São eles que acabam prescrevendo a realização da prática docente, despossuindo a categoria professoral de um saber acumulado durante anos de experiência vital, sendo tal saber relegado, colocado em um segundo plano. Não é possível dizer ao certo, mas, ao tatear essa perspectiva formativa apoiada em prescrições, pode-se afirmar com

menor quantidade de véus, sobre o porquê de sermos tão tristes, como indica Corazza (2004). Com tantas indicações sobre como ser e fazer – enquanto uma demanda modulada por *experts* – acaba-se por perder o controle sobre as próprias condições de vida, ficando-se alheio ao poder de gerenciar a existência.

Por isso, aposta-se nesse processo educacional que age no indivíduo, que faz acontecer alguma coisa com os sujeitos envolvidos. Não há escapatória. É condição sobre a qual o pensamento é colocado a pensar, exigindo uma didática que põe alguma coisa a funcionar novamente. Tal qual em uma oficina, não no sentido de consertar ou retificar o modo de orientar e dirigir a aprendizagem, mas na possibilidade de privilegiar a operação de afectos, perceptos, funções e conceitos no ato de aprender, ao reunir ciências educativas, filosofia da diferença e arte contemporânea em prol de movimentar um arranjo heterogêneo nos processos de formação de professores, podendo daí extrair blocos de sensações na educação no ato de ler e escrever.

Nessa perspectiva, o que se aprende está mais para o lado daquilo que pode ser sentido, lembra Deleuze (2006, p. 270):

Há no mundo alguma coisa que força pensar. Este algo é o objeto de um encontro fundamental e não de uma reconhecimento. [...] em sua primeira característica, e sob qualquer tonalidade, ele só pode ser sentido. É a esse respeito que ele se opõe à reconhecimento, pois o sensível, na reconhecimento, nunca é o que só pode ser sentido, mas o que se relaciona diretamente com os sentidos num objeto que pode ser lembrado, imaginado, concebido. [...] O objeto do encontro, ao contrário, faz realmente nascer a sensibilidade no sentido. Não é uma qualidade, mas um signo. Não é um ser sensível, mas o ser do sensível. Não é o dado, mas aquilo pelo qual o dado é dado.

Fortalece-se, então, a necessidade de realizar investigações em sintonia com a perspectiva teórica e estética que conduz uma pesquisa que trata da formação de professores. Aqui a saída é o exercício cartográfico. Não mais interessa dizer daquilo que se passa com os outros, da imersão em um dado local em que se observa com certa distância o que ali acontece; de fazer o relatório das impressões e interpretações realizadas no campo empírico, ao modo de um mapa exato, conforme escrito por Borges, mapa que acaba ficando do mesmo tamanho da própria coisa mapeada e, portanto, sem utilidade.

Interessa bem mais mapear as intensidades que constituem nossos devires e que ocupam nossos corpos a cada momento do vivido, bem como listar os modos como a força de criação opera nas práticas pedagógicas. Uma pesquisa do micro: “Conhece-te a ti mesmo”, não no sentido de reconhecimento de uma essência universal, mas na constituição de saberes de uma existência, de uma vida como obra de arte (Foucault, 2004).

Aqui a escrita é ferramenta infinitamente potente. Não há dúvidas disso! A leitura também: faz subir à

superfície diferentes planos. Ler e escrever: múltiplas linguagens em transcrição oferecendo consistência de maneira rizomática aos saberes docentes construídos na própria experiência de ser professor. Aposta na violentação da percepção, linguagem, memória, pensamento, sensação, atenção e emoção, tornando-as sensíveis ao impensado.

Assim foi possível realizar esta experimentação, operando um método que permite olhar para o processo de fazimento e desfazimento do território habitado. Funciona, não funciona? Um bloco de notas reunido com caneta, máquina fotográfica ou telefone celular com câmera e disposição para passeios de barco, ônibus e caminhadas. Atenção fluante ao mais familiar e ao mais insignificante. Registrar em imagens e escritas aquilo que é lido. Trata-se de fazer funcionar um método que só é possível no tempo da sua produção, atento aos encontros, aos acontecimentos, aos pontos de sobreposição, às recorrências, às forças presentes, às obviedades, às velocidades e às lentidões. Tramado a isso, estudar. Filosofias da diferença. E experimentar práticas estéticas. Arte contemporânea. Vigilância sobre o dinamismo no qual uma perspectiva de realidade é produzida, sobre os híbridos e multiplicidades que se rearranjam de maneira insubordinada ao campo das ciências educativas, colocando-se como efeito a urgente inseparabilidade entre produção de saberes docentes e vida. Ainda... Inventar, criar um vídeo cartográfico para resistir àquilo que se faz automaticamente, às opiniões correntes, liberando forças de vida e definindo critérios para uma existência da docência como autoformação. Mas não se pode esquecer que sempre precede uma necessidade para tal: qual é o teu problema ou conjunto de problemas? Por ora, continua-se interrogando a formação de professores nesta contemporaneidade.

Referências

- BAREMBLITT, G. 2002. *Compendio de análise institucional e outras correntes*: Teoria e Prática. 5. ed., Belo Horizonte, Instituto Félix Guattari, 214 p.
- BECKETT, S. 2003. *Como é*. São Paulo, Iluminuras, 192 p.
- CORAZZA, SM. 2004. Por que somos tão tristes? *Pátio*, VIII(30):51-53.
- CORAZZA, SM. 2010. Projeto Pesquisa Observatório de Educação. Disponível em: <http://www.difobservatorio2010.blogspot.com>. Acesso em: 6/08/2011.
- DELEUZE, G. 2006. *Diferença e repetição*. 2. ed. Rio de Janeiro, Graal, 440 p.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. 1995. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro, Editora 34, 91 p.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. 1997. *O que é a filosofia?* Rio de Janeiro, Editora 34, 279 p.
- DELEUZE, G.; PARNET, C. 1997. *L'Abécédaire de Gilles Deleuze*. Entrevista com Gilles Deleuze. Editoração: Brasil, Ministério de Educação, “TV Escola”, 2001. Paris: Editions Montparnasse, I videocassete, VHS, son., color.
- DELEUZE, G.; PARNET, C. 1998. *Diálogos*. São Paulo, Escuta, 179 p.
- FONSECA, T.M.G.; KIRST, P.G. 2003. *Cartografias e devires: a construção do presente*. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 395 p.

- FOUCAULT, M. 1999. *As palavras e as coisas*. 8. ed. São Paulo, Martins Fontes, 541 p.
- FOUCAULT, M. 2004. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In: M. FOUCAULT. *Ética, sexualidade, política*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 326 p.
- LARROSA, J. 2002. *Nietzsche e educação*. Belo Horizonte, Autêntica, 135 p.
- LYOTARD, J.F. 2002. *A condição pós-moderna*. 6. ed. São Paulo, José Olympio, 336 p.
- MATTOS, C.L.G. 2001. A abordagem etnográfica na investigação científica. UERJ, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.ines.gov.br/paginas/revista>. Acesso em: 27/07/2011.
- PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L.da. 2009. *Pistas do método cartográfico: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre, Sulinas, 207 p.
- ROLNIK, S. 1989. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. São Paulo, Estação Liberdade, 248 p.
- VARDA, A. 2008. *Les plages d'Agnès*; França, de Agnès Varda. 110 min.

Submissão: 05/08/2012

Aceite: 24/03/2013

Carla Gonçalves Rodrigues

Universidade Federal de Pelotas

Rua Alberto Rosa, 154 Campus das Ciências Sociais, 2º andar, 96.101-770, Várzea do Porto, Pelotas, RS, Brasil

Samuel Molina Schnorr

Universidade Federal de Pelotas

Rua Alberto Rosa, 154 Campus das Ciências Sociais, 2º andar, 96.101-770, Várzea do Porto, Pelotas, RS, Brasil